



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
Faculdade de Direito e Relações Internacionais
Especialização em Direitos Humanos e Cidadania

BRUNA SILVA BRASIL

**OS NEGROS DE DOURADOS E REGIÃO NO JORNAL O
PROGRESSO**

Dourados - MS
2013

BRUNA SILVA BRASIL

**OS NEGROS DE DOURADOS E REGIÃO NO JORNAL O
PROGRESSO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal da Grande Dourados, como pré-requisito para obtenção do título de Especialista em Direitos Humanos e Cidadania, sob a orientação do Prof^o. Dr. Mário Teixeira Sá Junior.

**Dourados - MS
2013**

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo efetuar uma análise da sociedade da região sul de Mato Grosso do Sul através do acompanhamento diário de um dos maiores jornais da região. Por conta do último Censo realizado, no ano de 2010, sabe-se que a população negra nesta região é de 50%. A intenção é descobrir e analisar qual o papel do negro nesta sociedade, e se tem o mesmo destaque que o restante da população. Para tanto, a metodologia utilizada foi a tiragem de fotografias de todo o jornal, durante o período de 07 de Agosto de 2013 a 06 de Setembro de 2013. Inicialmente, faremos um estudo acerca do que é raça, de qual o papel da mídia na formação da identidade e o tipo de racismo existente do Brasil. Passaremos, então, a análise do material coletado detalhadamente.

PALAVRAS-CHAVES: raça, racismo, jornal, mídia, censo.

ABSTRACT

This work has as an objective to analyze the society of the south of Mato Grosso do Sul across the daily following of one of the biggest newspapers of the region. The last population research, in 2010, found out that almost 50% of the population is black. The intention is find out and analyze which the role of the black in this society, and if they have the same treatment than the others. The methodology used was daily pictures of the newspaper, during 2013, August 07th to September 06th. First of all, we will do an study about what is race, which the role of the midia in the formation of identity and the type of racism in Brazil. Then, we will do the analyze of the material collected.

KEYWORDS: race, racism, newspaper, midia.

1. Raça e racismo: origem e conceito

Quando falamos da palavra “Raça”, não há apenas um conceito possível, mas vários. Isso porque tal palavra está impregnada de significados, sendo eles históricos, filosóficos, sociológicos, biológicos, etc., e a sua utilização dependerá do contexto em que será usada. Cada autor trabalhará com o conceito que melhor lhe aprouver.

O conceito atual da palavra, encontrado em vários dicionários, diz que é o conjunto de indivíduos identificados por traços em comum, sejam eles traços físicos,

culturais, sociais, etc. São integrantes de uma mesma cultura, com a mesma história, a mesma língua, mesmos costumes, etc. Contudo, tal conceito não surgiu assim. Foi trabalhado durante muito tempo, e já possuiu diversos significados¹.

A etimologia da palavra vem do italiano *razza*, que é derivada do latim *ratio*, e que significa sorte, categoria, espécie. Foi utilizada pela primeira vez nas ciências naturais para classificar as espécies de animais e vegetais existentes na natureza. Foi a partir da Idade Medieval que a palavra passou a ser associada aos seres humanos, com a finalidade de distinguir grupos de pessoas com características físicas em comum. É na França do século XVI-XVII que o conceito de raça passa a diferenciar classes sociais pela primeira vez, na discriminação entre os povos Francos e os Gauleses. Aqueles não admitiam que estes, de origem germânica fossem a eles iguais².

Quando da descoberta do Novo Mundo pelos Europeus, estes não sabiam o que pensar dos novos povos encontrados, todos tão diferentes do que conheciam. O estranhamento deu-se dos dois lados. Na tentativa de entender os novos povos, os europeus passaram a procurar a humanidade do povo descoberto na Bíblia. É através da história dos Três Reis Magos que tal confirmação é encontrada, pois havia um rei negro, um semita e um branco³.

A partir do Iluminismo inicia-se a buscar razão, por isso o que está escrito na bíblia não mais satisfaz aos europeus. As noções de homem e humanidade são reelaboradas para que melhor se adequem aos novos tempos e aos novos pensamentos. É a partir daí que os pensadores europeus emprestam da biologia e da zoologia o conceito de raça para classificar os vários tipos de seres humanos existentes, tais como brancos, negros, índios, etc. Foi no século XVIII que houve a divisão mais enfática da raça humana em três tipos: branca, negra e amarela. Em seguida, se agregaram à cor da pele, o formato da boca, olhos e nariz, assim como tipo do cabelo de cada pessoa. Como naquela época ainda não era possível realizar testes genéticos e a ciência não era muito avançada, a classificação das raças humanas foi feita de acordo com o fenótipo de cada povo⁴.

De acordo com Munanga,

Se os naturalistas dos séculos XVIII-XIX tivessem limitado seus trabalhos somente à classificação dos grupos humanos em função das características físicas, eles não teriam certamente causado nenhum problema à humanidade. Suas classificações teriam sido mantidas ou rejeitadas como sempre aconteceu na história do conhecimento científico. Infelizmente, desde o início, eles se deram o direito de hierarquizar, isto é, de estabelecer uma escala de valores entre as chamadas raças. O fizeram erigindo uma relação intrínseca entre o biológico (cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais. Assim,

os indivíduos da raça “branca”, foram decretados coletivamente superiores aos da raça “negra” e “amarela”, em função de suas características físicas hereditárias, tais como a cor clara da pele, o formato do crânio (dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo, etc. que segundo pensavam, os tornam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos, etc. e conseqüentemente mais aptos para dirigir e dominar as outras raças, principalmente a negra mais escura de todas e conseqüentemente considerada como a mais estúpida, mais emocional, menos honesta, menos inteligente e, portanto a mais sujeita à escravidão e a todas as formas de dominação⁵.

Esse tipo de classificação dos seres humanos em raças hierarquizadas trouxe um grande problema: o surgimento da raciologia. Apesar de já existir no século XVIII, tal teoria ganhou força no século XX. Antes, foi utilizada como forma de dominação dos europeus sobre os indígenas e os negros africanos, justificando, inclusive, o período de escravidão. Era uma espécie de doutrina que tinha o condão de dar sustentação ao pensamento dominante da época, qual seja o de que a raça branca era superior à negra⁶.

Munanga nos ensina:

Por razões lógicas e ideológicas, o racismo é geralmente abordado a partir da raça, dentro da extrema variedade das possíveis relações existentes entre as duas noções. Com efeito, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, lingüísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são conseqüências diretas de suas características físicas ou biológicas⁷.

Dessa forma, podemos perceber que o conceito de raça não nasceu como o conhecemos atualmente. Na realidade, surgiu como um recurso para classificar os seres humanos, pois apesar de sermos todos geneticamente iguais, fisicamente não o somos. O grande problema não está em classificar as pessoas em diferentes espécies ou raças, mas sim em qualificar determinada “raça” em detrimento de outra. Atualmente, já está cientificamente comprovado que não há diferenças genéticas entre os seres humanos. Mas, apesar disso, está enraizada no coletivo popular a divisão criada pelos naturalistas do século XVI-XVII, e por isso o racismo persiste até os dias de hoje.

1.2 Raça e racismo no Brasil

Devido à sua história, o Brasil é um país formado com uma grande variedade de culturas e etnias. Ao desembarcar por aqui, ainda no ano de 1500, os portugueses encontraram um tipo diferente de pessoas, as quais classificaram como índios. Foi nesse momento que deu-se início à mistura de raças no Brasil, visto que muitos portugueses tiveram filhos com as índias. Após o ano de 1530 o país passou a importar negros da África para trabalhar como escravos, o que resultou em uma mistura de negros e brancos. Além disso, também vieram para o Brasil espanhóis, italianos, japoneses, ingleses, poloneses, etc. Sabemos que a nação brasileira é formada por descendentes de diversas etnias que aqui se estabeleceram em busca de uma vida melhor. É por essa razão que se criou a ilusão de que o Brasil é uma democracia racial, e de que não há qualquer tipo de preconceitos⁸.

Ainda no século XIX, iniciou-se uma campanha pelo branqueamento da sociedade brasileira, pois com a vinda de tantos escravos, as populações branca e negra quase se igualavam. Diferente do que ocorria na Europa e nos Estados Unidos, onde a mistura não era incentivada, no Brasil o era. Passava-se a imagem de que apenas um país embranquecido poderia prosperar e deixar de ser subdesenvolvido. Podemos ver tal ideologia ao analisarmos as pessoas importantes dentro do país. Segundo Costa⁹, encontramos resquícios dessa ideologia da mestiçagem facilmente nos dias de hoje. O preconceito sempre existiu, seja contra o negro, em qualquer região do país, seja contra o nordestino quando vem para a região Sul-Sudeste. O referido autor entende, ainda, que a brasilidade, tão inclusiva, na realidade é falsa, pois há preconceito e racismo no Brasil sim. Não há um fortalecimento da cultura negra, herança de nossos ancestrais africanos. O que acontece é a imposição da cultura europeia (e atualmente a americana), majoritariamente branca, a todas as pessoas.

Kátia Costa¹⁰ entende que não é possível negar a mestiçagem ocorrida no Brasil. Isso porque a mistura de brancos, negros e indígenas ocorreu de forma gradual, e atualmente, não há como dizer que determinada pessoa pertença somente aos negros ou aos indígenas. Contudo, não é possível aceitar que todos vivam em paz social, que não há problemas entre negros e brancos, pois aqueles foram e são historicamente deixados de lado na composição do quadro econômico-social brasileiro. A desigualdade existe e é latente. Apesar de a Constituição Federal pregar a isonomia entre todas as pessoas e condenar o racismo, ele existe. Na prática, nem todos tem os mesmos direitos.

Diferentemente do que ocorreu nos Estados Unidos, no Brasil a identificação do negro e do branco dá-se apenas pelo fenótipo. É apenas a quantidade de melanina

presente na pele que diz como a pessoa será tratada, e onde pode entrar sem problemas. Basta não ter a pele muito escura. Tal concepção é diferente da dos Estados Unidos ou da Europa, onde não importa a cor da sua pele nem os seus traços, mas sim se há algum parente negro na sua família¹¹.

A democracia racial, tão propagada aos quatro ventos, não existe realmente. Isso porque basta abrirmos uma revista ou ligarmos a televisão para percebermos a falta de pessoas negras nos meios de comunicação. Tal constatação é confirmada pela presente pesquisa desenvolvida, pois em uma análise detalhada de um jornal local quase não foram encontradas fotografias de negros. Ademais, isso se dá também em diversos segmentos, seja na mídia, no mundo dos negócios, na busca por funcionários, etc. O IBGE já constatou, através de diversas pesquisas, que praticamente metade da população brasileira é formada por negros. Ora, onde estão, se não aparecem na televisão ou na novela das oito? Isso é fruto do tipo de racismo velado brasileiro, pois a identidade criada é de que o belo é branco, e por isso, somente estes merecem aparecer na televisão ou na mídia em destaque.

1.3 Raça, Mídia e Identidade

Atualmente, percebe-se que a tão propagada “democracia racial” não existe. Assim como a grande maioria dos países ocidentais, somos influenciados pelo o que prega os países desenvolvidos, de primeiro mundo. Logo, apesar de sermos um país onde metade da população é negra, adotamos como bom o que é branco. São questões que estão no imaginário popular há muito tempo, e é bem difícil de mudar. O que muito contribuiu para a divulgação dessas ideias foi a mídia, não só nacional como a mundial.

Além da mídia, a maior influência que temos é o nosso passado escravocrata. Poucos anos após a vinda dos portugueses para o Brasil deu-se início ao tráfico de escravos. Estes eram africanos capturados em seu território e trazidos à força para trabalharem como escravos para os portugueses residentes no Brasil. Esses africanos eram tratados como propriedade, objetos de seus donos. Eram comprados e vendidos, e não eram visto como seres humanos, mas sim como coisas. A escravidão durou quase 400 anos, sendo abolida há apenas 120 anos. Logo, o período em que os negros passaram a serem visto como seres humanos é muito curto e não apagou todos os anos de escravidão. Essa é a maior influência por trás do racismo brasileiro.

Mas também não podemos esquecer que todos nós somos influenciados pelo o que vemos todos os dias na televisão, na internet, nos jornais, nas revistas, nos outdoors, etc. É dessa forma que a identidade de cada um é criada, pois nos identificamos com o que vemos. Antes da invenção da internet, quando tudo o que víamos e consumíamos vinha da televisão e do rádio, não era nada comum encontrar negros na mídia. As propagandas não traziam rostos negros, assim como não houve nenhuma novela protagonizada por eles. Quando apareciam na mídia era sempre interpretando os empregados, os escravos, os bandidos. Tal constatação era recorrente tanto no Brasil quando nos Estados Unidos ou na Europa. Ao importarmos cultura desses países, importávamos também o preconceito presente. Temos como exemplo os filmes produzidos pelos estúdios Walt Disney, feitos para crianças, e que sempre trazia a princesa e o príncipe como brancos. Toda a importação de cultura influenciou muito na criação da identidade brasileira¹².

No Brasil, assim como nos outros países em desenvolvimento, a mídia exerceu grande papel na formação da população nacional, ou melhor, na criação da identidade de cada grupo. Influenciados pela mídia internacional exaltamos a herança dos países desenvolvidos. Sobre a criação da identidade nacional, Alakija entende que:

No Brasil, o mecanismo mundial da informação vertical muito incidiu na formação de padrões culturais, da estética e da linguagem bem distantes da realidade de valores e ideias da população de ascendência africana. Já que o país brasileiro também foi assolado por uma enxurrada de informações vindas do ocidente, de natureza a servir aos interesses de países cujo maior valor tem sido o capital, calcando a execrável doutrina social do racismo. O padrão de expressão da informação e das ideias que serviu para mitificar o Brasil como um país onde reinava a democracia racial verificou-se, principalmente a partir de 1964, com a ascensão do governo militar, que respondia ao projeto liberal, na época bipolarizando o mundo e buscava a sua consolidação no Cone Sul através da implantação de ditaduras apelidadas de “verdes-olivas”¹³.

Durante muito tempo a mídia funcionou do mesmo modo operacional. Por ser considerado país de terceiro mundo, o Brasil consumia o que vinha de fora. As notícias já chegavam prontas do eixo norte – e rico. Isso porque 80% das notícias internacionais que circulavam provinham das agências de notícias dos Estados Unidos, da Inglaterra e da França. A grande consequência era que consumíamos apenas o que lhes agradava, e ainda reforçava a sensação de ascendência do norte sobre o sul, o que causava a supervalorização da política, economia, valores, cultura, etc., provenientes dos países emissores. Por causa dessa situação, a população não se identificava com a realidade vivida, ou seja, de quase maioria negra. O que ocorreu foi uma espécie de segregação ou

rejeição às culturas latino-americanas. Tanto a cultura negra ou afrodescendente quanto a indígenas foram rechaçadas¹⁴. Atualmente, encontramos diariamente as consequências desse tipo de política, levando a alguns membros das sociedades indígenas e negras a uma busca de negar suas características, o que é chamado de “identidade negativa”. Isso porque não são as suas características que aparecem todo o tempo na televisão ou no jornal¹⁵.

O estilo de fazer mídia começa a mudar apenas nos anos 2000, com a popularização da internet. Isso porque a internet possibilitou que qualquer pessoa que queira possa atuar como jornalistas. Não era mais necessário esperar que as notícias aparecessem na televisão ou no jornal. A mídia alternativa também contribuiu na mudança, pois com o surgimento de blogs e sites alternativos, cada um poderia falar o que quisesse, quando bem quisesse, desde que não atingisse o outro. Atualmente, o entrelaçamento entre a mídia escrita, a televisão e a internet está cada vez mais forte. Estamos todos conectados de alguma forma¹⁶.

Com o surgimento dessas novas mídias, os invisíveis passam a ter um canal de voz para falar, pois não há qualquer censura a blogs ou sites. Além disso, ao menos no Brasil, a situação do negro apresenta, ainda que de forma inicial, um movimento de mudança. Um exemplo disso é que já houve algumas novelas protagonizadas por uma negra, e, além disso, os negros não têm apenas papéis subalternos nas novelas. Sobre isso, Alakija diz que

Se as tecnologias de comunicação não tem sido suficientes para quebrar a lógica do fluxo informativo entre as nações, é inegável que as mídias sociais têm possibilitado visibilidade e reconhecimento dos não representados na mídia convencional, servindo como seu canal de voz e imagem. As emergentes afromídias ou mídias afros são exemplos de mídia social contemporânea de identidade como resultado da fusão de várias tecnologias e tendo principalmente a internet para difundir suas mensagens (como *sites*, *blogs*, seguidores *twitters*, etc.). Elas constituem canais de expressão e visibilidade de e para um público segmentado (o público afro) que tem confrontado com a mídia convencional e dominante, em termos de quebra de padrões de imagem, linguagem e atitudes. Nesse sentido, as novas tecnologias podem ser importantes ferramentas para propósitos sociais como esse. Em 1997, esse trabalho original evocava a necessidade de mudança desses padrões através do uso social das novas tecnologias, voltadas para o fortalecimento da autoestima da população afro-brasileira, prevenindo a incorporação de qualidades e atitudes positivas no discurso midiático, tendo em perspectiva a evolução existencial e essencial, enquanto indivíduo – ou seja, aquilo que faz parte de si próprio – e enquanto grupo – aquilo que faz parte da sua cultura. Qualidades como: beleza, sucesso, prestígio, justiça, otimismo, dignidade, alegria, inteligência, felicidade, liberdade, amor, segurança, honestidade, firmeza, postura, coragem, altruísmo, capacidade de decisão, de realização, de desenvolvimento, de participação da riqueza, de representatividade política, de exercício da cidadania¹⁷.

Dessa forma, podemos perceber que a identidade de grande parte do povo brasileiro foi criada através do nosso passado escravocrata, conjuntamente com influência de uma mídia baseada na estadunidense e européia. Logo, vemos como bom e belo apenas o branco. Já os negros e indígenas foram relegados a segundo plano, assim como sua cultura. Apesar da mudança que se opera atualmente no imaginário das pessoas, a situação ainda continua difícil para quem é considerado pela sociedade diferente.

2. Jornal “O Progresso”

Antes de entrar necessariamente na pesquisa realizada, faz-se mister falarmos um pouco a respeito do tipo de mídia analisada. Como mencionado, tal pesquisa tem o condão de descobrir qual o tratamento dado aos negros na cidade de Dourados e regiões adjacentes. Como a mídia tem tratado essa parcela da população sul-mato-grossense. Também esclareço que o critério utilizado para a pesquisa é apenas o fenótipo de cada pessoa. Em análise às fotografias impressas no jornal local, tentamos descobrir qual o tipo de sociedade encontrada na região sul do Mato Grosso do Sul, e se o disposto no jornal está de acordo com os dados do Censo, a respeito da quantidade de população negra. Tomamos como população negra aquela constituída de pretos e pardos, sendo os pretos aqueles que possuem a cor da pele mais escura, assim como os traços de descendentes de africanos, como nariz largo, testa alta, cabelos crespos, etc. Já as pessoas pardas são aqueles de tez nem clara e nem escura, onde é possível perceber traços pretos, mas ao mesmo tempo traços brancos, e que são resultados da miscigenação.

A mídia escolhida para análise foi o Jornal “O Progresso”. Este jornal foi fundado em 1950 por Weimar Torres¹⁸, um dos pioneiros da cidade de Dourados, e encontra-se com mais de 11.000 mil edições. A metodologia escolhida para tanto é a análise detalhada do referido jornal, com a observação cuidadosa e diária de absolutamente todas as fotografias publicadas por este meio de comunicação.

O jornal circula de segunda a sábado, e traz notícias não apenas de Dourados, mas também de toda a região sul do estado de Mato Grosso do Sul, com tiragem diária de 12 mil exemplares¹⁹. Logo, tal escolha deu-se em razão da abrangência do periódico estudado, visto trazer, além de notícias, reportagens sobre as personalidades importantes

da região, através da cobertura de festas e inaugurações. O período de estudos e análise do jornal deu-se do dia 07 de Agosto de 2013 até o dia 06 de Setembro de 2013.

De segunda a sexta o jornal divide-se em seções iguais, sendo elas: caderno B, cidades, esportes, dia a dia, política e economia. Aos sábados, a seção caderno B não sai, e em seu lugar entra a seção DMAIS. A seção “caderno B” trata de amenidades, tais como novelas, filmes, eventos culturais que ocorrerão em Dourados e/ou região, e traz uma coluna social com fotos de aniversários, casamentos, inaugurações, etc. A seção “Cidades”, como o próprio nome já diz, traz as notícias relevantes da região adjacente à Dourados, abrangendo as cidades de Fátima do Sul, Naviraí, Jardim, Bonito, Ponta Porã, Laguna Caarapã, Batayporã, Campo Grande, e Antônio João, além de fotografias de eventos ocorridos nessas cidades, como aniversários, casamentos, etc. A seção “Dia a Dia” trata de notícias de Dourados, como obras realizadas pela Prefeitura, cursos, palestras, audiências públicas, etc. É aqui onde se encontra, inclusive, a página policial. A seção de esportes não se limita apenas ao esporte no Mato Grosso do Sul, mas sim diz respeito ao esporte de modo geral, tanto no Brasil quanto no exterior. A primeira seção do jornal é a parte de “Política e Economia”. Trata das questões mundiais, e além de política e economia, às vezes traz matérias sobre o meio ambiente e sobre arquitetura.

2.1 População negra no Estado de Mato Grosso do Sul

No Brasil o órgão responsável por fazer o recenseamento da população brasileira é o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). De tempos em tempos tal instituto realiza pesquisa com os brasileiros para traçar um perfil da população brasileira. Funcionários se dirigem às residências em todo o país, e fazem diversas perguntas as pessoas. Dentre essas perguntas está aquela que nos interessa: qual a cor em que a pessoa se encaixa. Dessa forma, o método de pesquisa adotado pelo IBGE para determinar se a pessoa é preta, parda, branca, amarela ou indígena é apenas a pergunta.

Os resultados do Censo Demográfico de 2010, no tocante ao Mato Grosso do Sul, mostram que o percentual de população preta é de 4,9% e o de pardos é de 43,6%, totalizando 48,5% de população negra. Já a população branca é de 47,3%²⁰. Assim como no Brasil, a população negra de Mato Grosso do Sul é quase metade de toda a população do estado. Essa igualdade se reflete nas outras áreas da vida? Ora, se as populações são praticamente iguais, o tratamento dispensado a elas deveria ser o

mesmo, certo? Contudo, não é bem assim, como mostram os resultados abaixo, relativos à pesquisa realizada durante um mês no jornal “O Progresso”.

2.2 Resultados dos dados coletados

Como mencionado anteriormente, a presente pesquisa foi realizada com a finalidade de descobrir qual o tratamento dispensado à população negra de Dourados e região. Isso porque sabemos que tal população totaliza quase metade de toda a população do estado. Mas será que eles têm o mesmo destaque que a população branca? Sabemos, pelo exposto na primeira parte do presente artigo, que a discriminação no Brasil é muito velada, e que até prega-se que não há discriminação. Contudo, analisando as fotos e notícias de somente a região escolhida, é possível perceber que a igualdade está apenas nos números do IBGE, pois quando se trata de destaque na região, a população negra quase nunca é incluída.

Em análise detalhada do jornal O Progresso durante 30 dias (de 07 de Agosto de 2013 a 06 de Setembro de 2013), foi possível catalogar a publicação de 2.331 fotos no total, de todos os tipos, como fotos de políticos, atletas, atores, cantores, população de Dourados e região etc. De todas essas fotos, foram encontradas apenas 104 que traziam pessoas negras, ou seja, os pretos e os pardos. De todas as fotografias analisadas, percebe-se que a grande maioria das fotos de negros publicada encontra-se na parte de Esportes do jornal. Das 104 fotografias encontradas, 50 são de atletas. Isso significa de as outras 54 fotografias dividem-se entre todas as seções dos jornais.



Começamos a análise dos dados colhidos pela seção Política e Economia. Esta seção tem o intuito de trazer notícias de destaque sobre política e economia em âmbito nacional e internacional, logo possui fatos e fotos de todos os cantos do mundo. Há notícias sobre a guerra do oriente, sobre o preço do petróleo, sobre partidos políticos, sobre a presidenta Dilma, etc. Foram catalogadas 378 fotografias nesta seção, dentre os mais diversos assuntos relacionados com política e economia nacional e internacional. Destas, apenas 10 retratavam negros. Há 03 fotos do Ministro Joaquim Barbosa, e 02 da ex-senadora Marina Silva. As outras 06 fotografias são de Nelson Mandela, da Ministra da Secretaria de Política de Promoção da Igualdade, do Presidente da Somália, de um deputado discursando em Brasília, de uma reunião do PSDB onde aparece um negro.



O que mais nos chama a atenção neste gráfico e na análise dos dados desta seção em geral é que esta é uma das seções mais importantes do jornal, onde o leitor pode conseguir informações importantes sobre o que está de fato acontecendo no mundo e no Brasil. Contudo, apesar do montante de fotos totais que foram publicadas, poucas trazem fotografias de negros, e apenas 01 contém notícia relevante para a comunidade negra: a publicação do dia 14 de Agosto, com a fotografia da Ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade. Não obstante, das 11 fotografias, 05 são das mesmas pessoas: Ministro Joaquim Barbosa e a ex-senadora Marina Silva. Estes dois são motivo de orgulho e exemplo não só para os negros do Brasil, mas para todos os brasileiros devido a sua história de superação. Os dois nasceram pobres e através do estudo conseguiram deixar a pobreza e, mais importante, ter seu trabalho reconhecido.

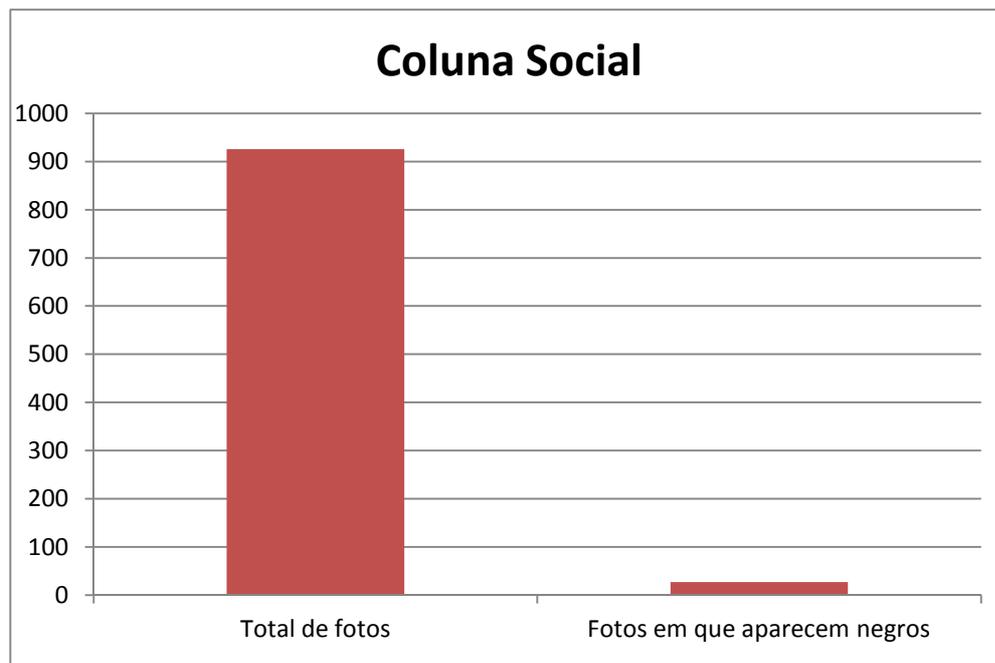
O Ministro Joaquim Barbosa nasceu em Minas Gerais, filho de pais humildes e com muitos filhos. Saiu de casa aos 16 anos e mudou-se para Brasília, onde concluiu os estudos de segundo grau em escolas públicas. Logo depois conseguiu entrar na Universidade de Brasília e concluiu o curso de Direito. Fez mestrado e doutorado, estudou na França, foi procurador da República, e em 2003 foi indicado para compor o quadro de ministros do Supremo Tribunal Federal, além de ser fluente em quatro idiomas. O STF é um dos órgãos do judiciário mais antigos do país, tendo sido instalado em 1808, com a vinda da família real para o Brasil, quando ainda era chamado de Casa da Suplicação. Com o passar dos anos, seu nome foi sendo mudado até o que

conhecemos atualmente, mas desde aquela época tinha a função de ser o último órgão de julgamento de casos, e também de interpretar a Constituição. Atualmente é STF é composto 11 ministros, e há apenas um negro: o Ministro Joaquim Barbosa. Não obstante, apesar de 191 anos de história, apenas 03 negros passaram pelo seu banco na condição de ministros.

Já a ex-senadora Marina da Silva nasceu no Acre e foi criada em um seringal até os 15 anos, quando teve que se mudar para a cidade em busca de tratamentos para a saúde. Trabalhou como empregada doméstica, e foi analfabeta até os 16 anos. Após a conclusão do Mobral (antigo sistema de alfabetização e estudos para adultos), ingressou na faculdade de História. É conhecida por conta de sua trajetória política, iniciada em 1985 juntamente com Chico Mendes, quando criou a Central Única de Trabalhadores (CUT). Foi vereadora, deputada estadual e senadora, além de Ministra do Meio Ambiente.

É importante falarmos da trajetória desses dois ícones brasileiros porque, como mencionado alhures, são personagens importantes para a história do Brasil. Por conta de sua importância e também das causas onde atuam, aparecem no jornal pesquisado mais vezes que os outros negros. Contudo, tal situação só revela a desigualdade, pois só aparecem no jornal as exceções que confirmam a regra.

Passemos a analisar, agora, as colunas sociais do jornal O Progresso. A coluna social, nos jornais em geral, deve ter representações da comunidade local. As colunas sociais do jornal O Progresso não fogem a essa regra, pois trazem cobertura de vários eventos ocorridos em Dourados e região. Há fotografias de aniversários de cidadãos/ãs, inauguração de lojas, eventos formais, casamentos, formaturas, enfim, festas de todo tipo. Contudo, percebe-se que a esmagadora maioria dos eventos retratados apresenta fotos de pessoas brancas da região. Foram catalogadas, nestas seções, a publicação de 926 fotos. Destas, apenas 27 correspondem a pessoas negras.



Dentro das colunas sociais podemos encontrar a cobertura de 10 festas de aniversários, com a publicação de 71 fotografias. Destas, apenas uma era de um negro. Ressalte-se que em nenhuma das festas o aniversariante era negro. A única foto publicada era de um negro convidado. Ademais há, ainda, a publicação de duas festas de 15 anos, onde são encontradas 17 fotografias, e nenhum é de negros. Nem mesmo as aniversariantes eram negras. Sabemos que as festas de 15 anos são uma tradição no Brasil, pois representam um rito de passagem da menina-criança para a adolescente-mulher. Ora, as meninas negras não fazem 15 anos? Ou não participam do ritual, da tradição que essa idade mítica envolve? Como uma adolescente negra que folheia as páginas dessa coluna de forma consciente ou inconscientemente se sente? Que mensagem subliminar essas ausências expressam?

A divisão espacial ou o georeferenciamento aqui se faz também presente. A Cidade de Dourados é dividida por uma avenida central, a Marcelino Pires. De um lado vive, majoritariamente, a parte da sociedade com maior poder econômico. Do outro lado a de menor. As festas aqui registradas aconteceram do lado de maior poder aquisitivo. Esse modelo de registro visual acaba por contribuir na formação de um juízo de valor sobre quem ocupa os melhores lugares nessa sociedade e como se apresentam esteticamente. É óbvio que festas de quinze anos, como outras tantas, ocorrem na chamada periferia. No entanto, não merecem o olhar dos profissionais que registram esses eventos. Em última instância esse espaço midiático reforça a idéia de que a

“sociedade” ou, o que merece destaque positivo, é branca. A reprodução diária desse modelo acaba por contribuir na formação de um imaginário excludente e, em última instância racista.

Há a cobertura de 06 casamentos, com a publicação de 36 fotografias, havia apenas 03 fotos de negros. Destas, apenas uma envolve o casamento de um negro, e é com uma moça branca. As outras duas fotografias dizem respeito a convidados dos outros casamentos. O casamento também é um ritual muito importante para os brasileiros, inclusive porque somos a maior nação católica do mundo, e onde as religiões evangélicas mais crescem. Ora, cadê a retratação dos casamentos negros e/ou mestiços? Não há?

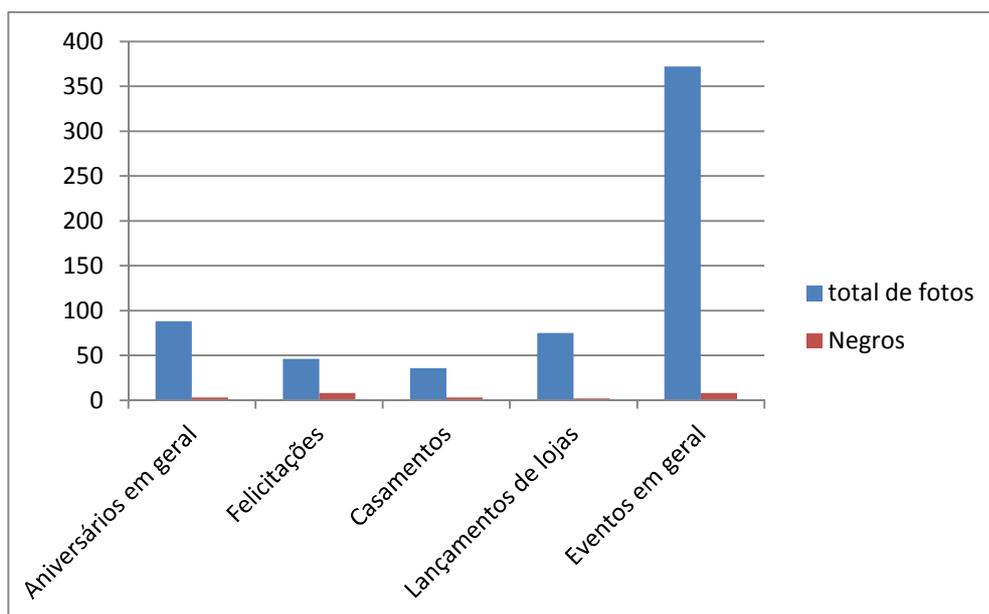
Também são publicadas 08 festas de lançamentos e inaugurações de lojas, seja de roupa, seja de sapatos, totalizando 75 fotografias. Destas, apenas 02 fotos são de negros. Podemos perceber, ainda, que os donos das lojas também aparecem nas fotografias do jornal, contudo, nenhum deles é negro. É sabido que para a inauguração de lojas e de coleções novas os proprietários enviam convites ao um seletivo grupo de pessoas, com o intuito de fomentar a venda. Fica, mais uma vez, de forma subliminar questões que não podem ser afirmadas, mas também não podem ser negadas. Qual o papel do negro como consumidor em uma sociedade capitalista, em que esse papel é fundamental? Podemos depreender apenas das análises acima, que o consumidor branco é valorizado, ou seja, apenas ele tem dinheiro para comprar naquela loja. O consumidor negro não tem importância para os lojistas de Dourados e Região. Além desses lançamentos, podemos incluir na parte de eventos das colunas sociais várias outras fotografias: houve cobertura da semana jurídica da Unigran, com 07 fotografia e nenhum negro; de investimentos feito por chineses em Maracaju, na aniversário de 40 anos da APAE, lançamento de projetos e filmes, participação de cidadãos em congressos no exterior, etc. Todos esses eventos ocorridos em Dourados e região totalizam 372 fotos, sendo que apenas 08 trazem negros. Mais uma vez poderíamos chegar à conclusão de que os negros não participam da vida social de Dourados e Região. Estão à margem dela.

Em todas as colunas sociais são publicadas fotografias de pessoas de Dourados e região que fazem aniversário naquele dia ou naquela semana. Catalogamos desejos de feliz aniversário em 46 fotos, e apenas 08 eram de negros. Onde estão os outros negros? Não fazem aniversário? Não merecem receber os parabéns? Claro que fazem aniversário todos os anos, como todo mundo, entretanto, não são valorizados a ponto de

saírem no jornal. E, por último, há a publicação de 22 fotos de pessoas de Dourados e Região sem motivo aparente. São apenas fotografias com o nome da pessoa embaixo e, algumas vezes, a sua ocupação. Podemos concluir que são pessoas da região que aparecem no jornal para que haja demonstração da população regional. Das 22 fotos encontradas, apenas 08 são de negros. Ora, da mesma forma, negros não são importantes? Não podem sair no jornal sem motivo aparente, mas somente quando tem uma trajetória de vida excepcional ou ocupam cargos importantes?

Ainda, no dia 09 de Agosto foi publicada uma homenagem ao dia dos pais, com fotos de várias famílias da cidade de Dourados. De 21 fotografias publicadas, apenas 01 era de uma família negra. Por que tão poucos negros são homenageados no dia dos pais? Será que não são pais? Não têm família? Independentemente da cor dos homens, todos tem a mesma capacidade de ser pai e constituir família. Da mesma forma como mencionado anteriormente, apenas não são valorizados. A família é uma instituição fundamental em nossa sociedade. É considerada a base das outras instituições sociais. A ausência ou a pequena presença de figuras fundamentais como a de um pai no fenótipo negro reforça a ideia da cor da instituição família e a possibilidade da mensagem negar a identificação do negro com essa importante instituição.

Por último, no que diz respeito às colunas sociais, foi constatado que por nove dias não houve qualquer publicação com negros. Abaixo se encontra um gráfico resumido do que discutimos a respeito das colunas sociais.

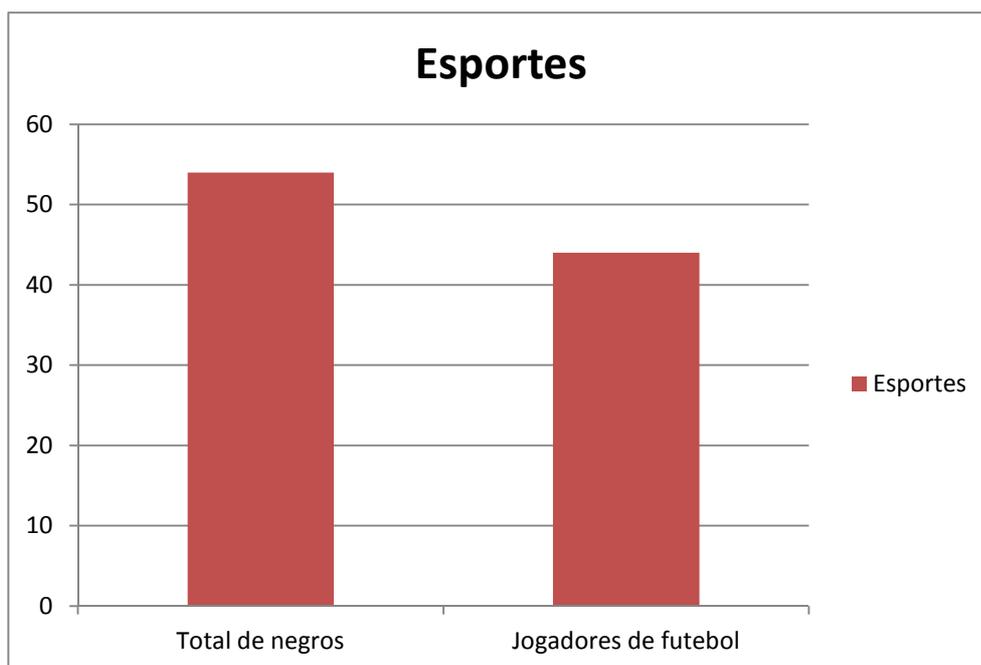




Na seção Dia a Dia, assim como na Política e Economia, não é possível fazer uma análise separada dos dados, como o efetuado nas colunas sociais. Isso porque traz notícias sobre os mais variados temas, e não há colunas fixas. Há notícias sobre Dourados e região, sobre emagrecimento, beleza, arquitetura, decoração, etc. Também traz a coluna policial. Foram catalogadas as publicações de 503 fotografias, sendo apenas 08 de negros. Destas, 04 eram de negros presos suspeitos de cometerem crimes. Podemos inferir da análise dos dados desta seção que os negros não teriam relevância para os assuntos do dia a dia da região sul de Mato Grosso do Sul. Logo, quando não há notícias de pessoas famosas que superaram a pobreza de algum modo, não há fotografias de negros. Nos assuntos mais simples, onde não há destaque para as pessoas da foto ou não são pessoas importantes, verifica-se que não há publicação de negros. Das nove fotografias coletadas, 04 são da coluna policial. Essa proporcionalidade é bastante significativa. Do total de 503 fotos menos de dois por cento são de negros. Mas do total de oito fotos de negros cinquenta por cento aparecem como representantes do mundo do crime. Mesmo que considerássemos que o percentual total representasse uma proporcionalidade entre negros e brancos na região, o que já demonstramos pelo censo do IBGE que não procede, quando trabalhamos apenas com as fotos dos negros elas

apresentam metade de seus fotografados como supostos bandidos. Assim há dois tipos de aparições negras no jornal de uma forma geral: o lado das ações positivas ou cotidianas a presença do negro é pequena. Quando diz respeito ao mundo da criminalidade o negro se torna maioria e metade de suas aparições se dá nas colunas dedicadas à apresentação de pessoas acusadas de delitos.

Ora, podemos nos perguntar qual o significado e a importância de percebermos que não há retratação do cidadão negro mediano nos jornais. Mediano no sentido de pessoa de classe média, morador da região, que paga seus impostos etc. Para aparecer no jornal, é necessário que os negros tenham destaque em alguma área de sua vida. Não podem simplesmente serem fotografados para uma matéria de jornal simples, como por exemplo, para uma reportagem sobre limpeza de pele. Percebe-se, pela simples análise dos dados da seção Dia a Dia que o negro está excluído da vida mediana do estado. Essa exclusão só não ocorre e, para além, a uma inversão, quando as câmeras se voltam para fotografar o lado criminoso da sociedade. Aí o negro aparece em destaque.



Um dos dados que mais chamam a atenção são aqueles coletados na seção de esportes, como mostra o gráfico acima. Das 104 fotos de negros publicadas no jornal em todo o período de pesquisa, 54 delas estão localizadas na seção de esportes. Destas, 44 fotos são de jogadores de futebol negros²¹. Ora, dos dados coletados podemos inferir que os negros só se destacam realmente nos esportes, e principalmente no futebol. Isso porque, apesar de o futebol ter sido criado como esporte de elite e de brancos, se

popularizou mesmo entre os bairros de pobres e negros. É um esporte barato, onde a única necessidade é de uma bola, e todos podem praticá-lo. Ora, quando uma criança negra abre um jornal e encontra os negros de forma positiva em destaque somente na página de esportes, sendo jogadores de futebol, têm a ideia de que o esporte será a única saída para eles. Forma-se a ideia de que o negro serve apenas para o futebol.

3. Considerações Finais

Com base nos dados acima é possível chegarmos a algumas conclusões. A primeira delas e a mais importante é a confirmação da pequena participação do negro na sociedade sul mato-grossense sob a percepção dos profissionais do referido jornal. Ora, em um estado onde quase metade da população é negra, como é possível que em um dos jornais de maior circulação simplesmente não haja números significativos de negros? As festas e casamentos retratados são apenas os dos brancos, exceto quando se trata de um casamento inter-racial, como já mencionado. Se alguém observasse estritamente o jornal O Progresso, sem saber dos números do último censo realizado, pensaria que quase não há negros em Mato Grosso do Sul. Não há qualquer cobertura aos aniversários de 15 anos de meninas negras. Ora, somente as garotas brancas fazem festas de 15 anos? Onde estão e como vivem os negros do Mato Grosso do Sul? Será que são todos pobres e por isso não aparecem nas colunas sociais? Indo além, as colunas sociais representam um apartheid midiático, onde apenas o lado rico da sociedade merece ser fotografado. Ser pobre e negro é não fazer parte do “social”? Não podem ser retratados como cidadãos medianos do estado? São todas perguntas pertinentes, mas que não tem uma resposta simples.

Como retratado na primeira parte deste artigo, a mídia tem muita influência sobre a formação do pensamento e da identidade das pessoas. Assim como Costa concluiu em sua pesquisa com revistas sobre a invisibilidade do negro na sociedade, é possível chegarmos à mesma conclusão. O negro não é minoria no estado de Mato Grosso do Sul, mas é tratado como se o fosse pela imprensa. A única área positiva em que se destacam é nos esportes. Por que será que isso acontece? Confirmando as ideias de Borges²², os negros aparecem mais na parte de esportes porque essa ideia faz parte do estigma de que o negro é pobre e que somente se tornou rico por conta de sua força física. É o chamado lugar-comum do negro da mídia. Aparecem como pobres, sem teto etc., ou como heróis da resistência, ou seja, aqueles que, apesar da vida difícil, conseguiram vencer na vida. Exemplo disso são todas as fotos de negros encontradas na

seção de esportes. A maioria são jogadores de futebol. Não obstante, na seção de Política e Economia não apareceu nenhum negro que faça parte, nestes dois quesitos, da sociedade sul mato-grossense. Confirmando o que já foi dito, os únicos negros retratados nessa seção foram dois de histórias de superação: Marina Silva e Joaquim Barbosa.

Para não falarmos que não há nada a respeito dos negros e sua cultura publicada no jornal O Progresso, há a publicação de uma notícia com uma fotografia apenas, no dia 14 de Agosto, a respeito de uma conferência sobre raças que ocorreu em Dourados. Não há mais qualquer referência à cultura afrodescendente em todo o jornal. Não há cobertura de casamentos, festas de aniversários, inaugurações, posses, etc., que tenha um negro ou uma negra como protagonista.

Não negamos que em determinada medida o jornal retrata uma realidade da pirâmide socioeconômica brasileira onde negros estão na base pobre. No entanto, há outros recortes que o veículo de comunicação realiza que extrapola a questão socioeconômica. É o caso da coluna onde as festas são representadas. Há festas do lado economicamente mais pobre da sociedade. Há debutantes nesse lado. Poderiam ser fotografadas e terem seus eventos registrados nas colunas. No entanto a não divulgação dessas festas contribui na demonstração de que há um olhar estético sobre o que é bom na sociedade e o que não é. E esse olhar apresenta a estética branca como positiva e, por conseguinte, a ausência ou pequena presença da estética negra contribui para o fortalecimento de sua negatividade.

O Brasil é um país mundialmente conhecido por pregar a “democracia racial”. Devido à grande miscigenação ocorrida em nossas terras, seria de se esperar que todos fossem tratados igualmente, e que não houvesse preconceito ou discriminação por conta da cor da pele de cada um. Entretanto, analisando apenas a região douradense, é possível perceber que tal teoria não existe. A invisibilidade do negro nos meios de comunicação locais é uma forma de discriminação, pois a população negra corresponde a quase 50% da população sul mato-grossense, mas não tem o destaque que a população branca.

Através de estudos científicos comprovou-se que não há diferenças significativas no DNA de um ser humano preto e de um ser humano branco. Geneticamente falando, somos todos exatamente iguais, sejamos brancos, pretos, índios, amarelos, etc. Então por que muitos ainda dividem os seres humanos em raças? Essa divisão persiste apenas em termos sociológicos, e infelizmente ainda está latente na

cabeça das pessoas. É por isso que os não-brancos não recebem a mesma atenção das mídias que os brancos, seja esta mídia um canal de televisão, um jornal ou um portal na internet.

Posto isso, é necessário que existam atitudes para diminuir o racismo existente. Isso significa que os meios de comunicação devem popularizar a figura do negro em novelas, filmes, etc. Nos jornais, torna-se necessário que apareçam não apenas como os heróis ou os bandidos, mas também como figuras do cotidiano, em matérias simples. Somente dessa forma e gradualmente é que podemos mudar a mentalidade de nossa sociedade, para que as crianças do futuro não tenham preconceitos causados pela cor de pele das pessoas.

¹ COSTA, Kátia Regina Rabelo. *O ser-negro à vista: construção verbo-visual do negro na propaganda impressa*. Tese Para obtenção do Título de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

² MUNANGA, Kabengele. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, em 05/03/2011. Disponível em: http://www.do.ufgd.edu.br/mariojunior/arquivos/abordagem_conceitual_nocoos_raca_racismo_etnia.pdf

³ Idem.

⁴ COSTA, Kátia Regina Rabelo. *O ser-negro à vista: construção verbo-visual do negro na propaganda impressa*. Tese Para obtenção do Título de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

⁵ MUNANGA, Kabengele. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, em 05/03/2011. Disponível em: http://www.do.ufgd.edu.br/mariojunior/arquivos/abordagem_conceitual_nocoos_raca_racismo_etnia.pdf

⁶ COSTA, Kátia Regina Rabelo. *O ser-negro à vista: construção verbo-visual do negro na propaganda impressa*. Tese Para obtenção do Título de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

⁷ MUNANGA, Kabengele. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, em 05/03/2011. Disponível em: http://www.do.ufgd.edu.br/mariojunior/arquivos/abordagem_conceitual_nocoos_raca_racismo_etnia.pdf

⁸ COSTA, Sérgio. *A Construção Sociológica de Raça no Brasil*. Revista Estudos afro-Asiáticos, ano 24, nº1, 2002.

⁹ Idem.

¹⁰ COSTA, Kátia Regina Rabelo. *O ser-negro à vista: construção verbo-visual do negro na propaganda impressa*. Tese Para obtenção do Título de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

¹¹ Idem.

¹² ALAKIJA, Ana. Mídia e Identidade Negra. In: Borges, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane. *Mídia e Racismo*. Petrópolis, RJ, DP et Alii; Brasília, DF, 2012.

¹³ Idem.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem.

¹⁸ SCHWENGBER, Isabela de Fátima. Quando o MST é notícia. In: FREITAS, Dirce Nei Teixeira; Fedatto, Nilce Aparecida da Silva, org. *Educação básica: discurso e prática político-normativas e interpretativas*. Dourados, MS: Editora UFGD, 2008.

¹⁹ Este dado foi conseguido através de contato telefônico com o jornal O Progresso.

²⁰ FERREIRA, Marta. *Cresce número de pretos e pardos em MS, enquanto de brancos diminui*. Publicada em 14/11/2011. Campo Grande. Disponível em: <http://www.campograndenews.com.br/cidades/cresce-numero-de-pretos-e-pardos-em-ms-enquanto-o-de-brancos-cai>

²¹ Não devemos esquecer que a seção de futebol cobre o país como um todo e as vezes ainda o cenário do futebol internacional não retratando uma realidade local. Mesmo assim, contribui na formação de um imaginário sobre o local do negro na sociedade brasileira e/ou regional.

²²BORGES, Rosane da Silva. Mídia e representações do outro. In: Borges, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane. *Mídia e Racismo*. Petrópolis, RJ, DP et Alii; Brasília, DF, 2012.

Referências

- ALAKIJA, Ana. *Mídia e Identidade Negra*. In: Borges, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane. *Mídia e Racismo*. Petrópolis, RJ, DP et Alii; Brasília, DF, 2012.
- BORGES, Rosane da Silva. *Mídia e representações do outro*. In: Borges, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane. *Mídia e Racismo*. Petrópolis, RJ, DP et Alii; Brasília, DF, 2012.
- BRASIL, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. *Indicadores Sociais Municipais: uma análise dos resultados do universo do Censo Demográfico de 2010*. IBGE: Rio de Janeiro, 2011.
- COSTA, Kátia Regina Rabelo. *O ser-negro à vista: construção verbo-visual do negro na propaganda impressa*. Tese Para obtenção do Título de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- COSTA, Sérgio. *A Construção Sociológica de Raça no Brasil*. Revista Estudos afro-Asiáticos, ano 24, nº1, 2002.
- FERREIRA, Marta. *Cresce número de pretos e pardos em MS, enquanto de brancos diminui*. Publicada em 14/11/2011. Campo Grande. Disponível em: <http://www.campograndenews.com.br/cidades/cresce-numero-de-pretos-e-pardos-em-ms-enquanto-o-de-brancos-cai>
- MUNANGA, Kabengele. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, em 05/03/2011. Disponível em: http://www.do.ufgd.edu.br/mariojunior/arquivos/abordagem_conceitual_nocoas_raca_racismo_etnia.pdf
- SCHWENGBER, Isabela de Fátima. Quando o MST é notícia. In: FREITAS, Dirce Nei Teixeira; Fedatto, Nilce Aparecida da Silva, org. *Educação básica: discurso e prática político-normativas e interpretativas*. Dourados, MS: Editora UFGD, 2008.